



Valéria Martins

THE SONG REMAINS THE SAME

Inspirado pelo álbum homônimo de **LED ZEPPELIN**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

THE SONG REMAINS THE SAME

VALÉRIA MARTINS

uma história inspirada por

THE SONG REMAINS THE SAME

LED ZEPPELIN

SÃO PAULO, MAIO DE 2009

1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY VALÉRIA MARTINS
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOOKS.COM.BR

THE SONG REMAINS THE SAME

VALÉRIA MARTINS

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



THE SONG REMAINS THE SAME

LED ZEPPELIN

LANÇAMENTO: **1976**
SELO: **SWAN SONG**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

DISCO 1

1. Rock and Roll
2. Celebration day
3. The song remains the same
4. The rain song
5. Dazed and confused

DISCO 2

1. No quarter
2. Stairway to heaven
3. Moby Dick
4. Whole lotta love



MR. PAGE E OS SONHOS

VALÉRIA MARTINS

Foram tantos anos sonhando e agora ele estava ali, na sua frente, de costas, calças jeans, camisa preta de botão, cabelos levemente compridos, escuros, provavelmente tingidos. Ficou parada respirando ofegante, sem coragem de fazer a volta e encará-lo. Antes que tivesse de decidir, ele se virou. Estava rodeado de crianças. Alguém apresentou: “Jimmy, this is Pamela, the journalist that wrote the article...”¹

“Hi, Pamela!”², ele sorriu para mim. Um sorriso alegre, angelical.

Tudo começou quando ela viu uma reportagem no jornal *O Globo*, alguns anos atrás, sobre “turismo social”. Leu o texto e descobriu que se tratava de uma fazenda em Cachoeiras do Macacu, estado do Rio, que pertencia a uma ONG de origem britânica. A ONG vendia pacotes para gringos virem ao Brasil trabalhar na fazenda. Vinham em grupos duas ou três vezes por ano para plantar, capinar, colher e confraternizar-se com os cerca de quinze meninos adolescentes em situação de risco que moravam lá. “Legal!”, pensou. Mais legal ainda foi ler, no final, que a tal ONG era patrocinada por Jimmy Page.

Enquanto lia a reportagem, a roda do tempo girou e parou na época da faculdade de Jornalismo, quando comprava discos de vinil numa pequena loja no Centro Comercial de Copacabana.

1 “Jimmy, essa é Pamela, a jornalista que escreveu o artigo...”

2 “Olá, Pamela!”

Ninguém a ensinou a gostar do Led Zeppelin, ela aprendeu sozinha.

Viu na promoção um disco laranja com crianças brancas engatinhando sobre pedras e resolveu comprar. Chegando em casa, pôs para tocar e se surpreendeu com as melodias irregulares. Quando pensava que havia encontrado o ritmo e podia começar a cantarolar, a música dava uma guinada e ia em outra direção. Gostou. E foi atrás de toda a coleção. Muitas tardes e noites fumando maconha em seu quarto enquanto ouvia “Babe, I’m gonna leave you”, “Achilles last stand”, “Dazed and confused”... Esta última, considerava a tradução musical do que se passava em sua conturbada alma naqueles tempos.

Mais que isso, “Dazed and confused” era uma espécie de versão musical de si mesma. A melodia que começa arrastada e vai engrossando até o clímax, com o solo de guitarra do Jimmy, era uma metáfora do ato sexual. Ao ouvi-la doidona, sentia a música como uma trepada muito bem dada, ou como o prazer de comer um doce suculento, como uma torta de damasco e chocolate que sua mãe costumava comprar naquela época, e que depois deixou de ser fabricada. Em horas de mega-larica, encontrava aquela torta na geladeira e punha uma colherada cheia na boca, o creme de damasco enrolando na língua junto com o pastoso mais forte do chocolate, o sabor maravilhoso mesclando-se, invadindo o palato, escorrendo pela goela, preenchendo seu ser. Era outra modalidade de trepada, só que por um outro canal, via oral.

Novo giro na roda do tempo e ela foi parar na Praça da Apoteose, 1996, assistindo ao show de Page & Plant, olhos marejados, pensando em como os sonhos, um dia, se tornam realidade. Fechava os olhos e se via fumando maconha no quarto, imaginando como seria ouvir aquele som ao vivo. Abria os

olhos e lá estava o show. Milagre! Plim!

Assim que terminou de ler o jornal, pegou o telefone e ligou para a redação. Identificou a repórter que havia feito a matéria e conseguiu as informações: nome e telefone da responsável pela ONG, uma brasileira que vivia em Londres. Foi atrás da mulher via e-mail e marcaram uma entrevista para dali a dois meses, quando ela viria ao Brasil para visitar a Casa Jimmy — nome dado em homenagem ao patrono que doou a verba para a compra do imóvel.

Tudo ainda parecia um sonho, continuação daquele que começou no quarto, fumando maconha, mas, mais uma vez era realidade.

Dois meses se passaram e chegou o dia da entrevista, marcada na Casa Jimmy. Adentrou a propriedade — construção de dois andares com jardim, piscina e bela vista para o Centro da Cidade — como quem adentra um santuário, procurando aqui e ali pistas de seu mentor. Viu somente crianças com idades entre dois e doze anos brincando, desenhando, lanchando, e uma impressionante menininha de uns quatro anos com uma perna de borracha. Não ousou perguntar o que houve, por que havia perdido a perna. Soube que um capitão da marinha britânica havia doado a verba para a compra daquela prótese, que não serviria por muito tempo, pois a menininha ia crescer. Assim, era necessário trabalhar o tempo todo para conseguir verba para manter a casa e as necessidades das crianças.

Entrevistou a dona da ONG sedenta por informações sobre quando o patrono viria ao Brasil visitar sua obra. “Ele não vem muito. Veio faz dois anos e agora não sabemos quando virá novamente”.

Ficou feliz quando foi levada à sala da administração e, finalmente, viu

penduradas na parede algumas fotos de Jimmy, no mesmo jardim em que estavam antes, abraçado com as crianças. Era verdade. Ele tinha mesmo estado ali. Era colaborador daquele abrigo para crianças em situação de risco no Rio de Janeiro, num bairro não muito longe da sua casa. Difícil de acreditar, mas realidade.

Escreveu o texto entre inspirada, emocionada e sobrecarregada de uma responsabilidade que ela mesma se impusera. Entregou ao editor e ouviu, contrariada, a seguinte avaliação: “Está ótimo, mas não dá pra publicar sem ter um pingue-pongue com o Jimmy. Você consegue?” Caramba, escreveu à dona da ONG e perguntou o que achava, se era possível. “Sinto muito, mas ele não fala com jornalistas há anos. Simplesmente não dá entrevistas”. A matéria foi para a gaveta e ela chorou abraçada ao travesseiro. Estava tudo indo muito bem para ser verdade.

Mais um ano se passou até que um dia, chegou um convite: “Venha comemorar o aniversário da Casa Jimmy com a presença do patrono Jimmy Page. RSVP” Confirmou presença e, imediatamente, o sonho foi reativado. Iria encontrá-lo pessoalmente? Ia apertar sua mão? Os pensamentos voavam, havia uma chance da matéria ser publicada, repassava mil vezes o guarda-roupa escolhendo quais peças usar. Preparou-se como uma noiva se prepararia para encontrar seu amado. .

E agora, estavam frente a frente. Ela não me cansa de olhá-lo; ao mesmo tempo, tenta disfarçar para não ser inconveniente.

Há uma coletiva para os jornalistas presentes, todos se reúnem em volta de Jimmy Page na sala de visitas da casa, onde há somente um par de sofás e

um móvel com uma televisão em cima. O aparelho exibe um DVD que ela tem, trouxe consigo uma compilação de shows inéditos do Led Zeppelin. Chama a brasileira chefe da ONG num canto e a faz prometer que terá um tempo a sós com ele, para fazer o pingue-pongue longe das vistas dos concorrentes. A mulher diz “Ok” e ela espera de pé, ouvindo as perguntas e respostas, sem tirar os olhos dele.

Depois da coletiva vêm os autógrafos, todo mundo levou CDs, camisetas e outros souvenirs do Led Zeppelin para serem autografados pelo ídolo. Ela entra na fila, DVD em punho, e ganha a dedicatória: *Pamela... Whole lotta love!* Espirituoso, Mr. Page.

Passam de dez da noite, Jimmy dá sinais de cansaço. A dona da ONG a chama num canto e diz que pode falar com ele, mas é preciso ser breve. Dirigem-se a ele, ela explica a situação e a resposta: “Pamela, can it be in the hotel? I’ll meet you there in half an hour”³.

“Of course, Mr. Page”⁴, responde delicadamente.

Está no táxi rumo ao hotel, é um mega-hotel cinco estrelas em Copacabana. Entra e fica esperando na recepção. Quarenta minutos depois ele chega com a dona da ONG. Parece que ela vai acompanhá-los no encontro, mas não, eles se despedem, ela dá tchauzinho de longe e desaparece. Ele pede um minuto, diz que precisa subir ao quarto.

“OK, Mr. Page”.

As mãos estão suadas, ela tira e põe o anel que enfeita o anular esquerdo.

3 “Pamela, pode ser no hotel? Te encontro lá em meia hora”.

4 “Claro, Sr. Page”

O concierge vem em sua direção: “O Sr. Page pede que suba, por favor. Ele vai atendê-la no quarto”. No quarto? Ok. Deve ser um daqueles quartos tão grandes e confortáveis que tem sala de estar junto, então, vão nos sentar na sala de estar, vai ligar o gravador e...

“Hi, Pamela!”⁵. Ele abre a porta e está novamente sorrindo, as bochechas rosadas, angelicais. Não mudou de roupa. Ela entra e o quarto não tem sala de estar, somente duas poltronas e uma mesinha perto da janela. Sentam-se e ele lhe oferece um drinque. Está tão cansada, ansiosa, zoada, desligada, louca, que precisa relaxar. Aceita. É emoção demais em uma única noite. Ele serve uísque, bebem juntos, ela pede permissão para ligar o gravador. Na verdade é um pingue-pongue curto, dez perguntinhas, coisa bem simples. Será que ele estava esperando uma entrevista complexa e profunda? Mas a dona da ONG disse que ele não gosta de falar com jornalistas...

Dez perguntinhas depois, ela sorri e diz que acabou, deve ir embora, mas ele pede: “Stay a little more”⁶.

“Ok, Mr. Page”.

Ele serve mais uísque, ela relaxa, a língua se solta. Deve estar gostando da companhia, senão a mandaria embora. Deve estar de saco cheio de tanta gente chata em volta, das crianças da Casa Jimmy, com nariz escorrendo, limpando as mãos na roupa dele.

A conversa embala, ela conta como aprendeu a falar inglês tão bem, do intercâmbio que fez aos dezessete anos, e ele toca a sua mão. Começa a fazer

5 “Olá, Pamela!”

6 “Fique um pouco mais”

carinho, devagarinho, nas costas da mão dela sobre a mesa. Ela oferece a palma e dão-se as mãos, apertam-se as mãos, entrelaçam os dedos, seguram os pulsos... Ela pára de falar e olha-o pela primeira vez nos olhos, realmente presente. O rosto envelhecido, o cabelo pintado cujas raízes já apresentam um milímetro de branco, as rugas em volta dos olhos, mas os lábios cheios, lábios de jovem. Ele a puxa para si e se beijam. O beijo tem gosto de uísque. Procura o verdadeiro cheiro do hálito dele em meio ao uísque. Encontra. Gosta.

Mr. Page segura seu rosto com as duas mãos e, com uma delicadeza inesperada, a levanta e começa a tirar sua roupa devagar. Quando se dá conta, está nua. E ele vestido. “Move on!”. Começa a abrir a camisa e entrevê o peito coberto de cabelos brancos, a pele flácida e enrugada. Ele não é gordo, está em forma, mas são 65 anos de rock ‘n roll. Surpreende-se com uma pequena tatuagem de cavalo alado sobre o mamilo esquerdo. É um cavalo alado daqueles que se tatuava antigamente, colorido, asas abertas, totalmente anos 70, totalmente fora de moda hoje. Ela também tem um cavalo alado no flanco direito e mostra a ele. Ele beija o cavalo alado, ela beija o dele e começam a se enroscar, ela lutando com o cinto que segura as calças dele.

“Let’s drink champagne?”⁷, ele pergunta.

“Hein? Champanhe?”. Não entende nada. Estavam bebendo uísque, vai ser um porre danado, uma ressaca tremenda no dia seguinte. Mas tudo bem, Mr. Page manda. Ele abre a garrafa e ela compreende. Ele quer derrubar a champanhe em seu corpo e beber. Deita-se na cama e deixa ele brincar como quiser, derramando o líquido gelado sobre seu corpo, formando uma poça no

⁷ “Vamos beber champanhe?”

seu umbigo, um pântano em seu sexo.

“Now, you will have to clean all this mess”⁸, ela brinca.

Assistir Mr. Page deliciando-se com essa brincadeira boba de derramar bebida e lambe-la faz lembrar que é a sua vez de realizar suas fantasias. Anos de fantasias trancadas num quarto enfumaçado da memória, comendo torta de damasco com chocolate, o sexo latejando ao som da guitarra de Jimmy Page em “Dazed and confused”.

Quando terminam no mútuo banho de gato *y otras cositas más*, ela pergunta se ele gostaria de “smoke some joint”⁹. “Yeah!”, os olhinhos azuis brilham.

Retira da carteira uma ponta com a qual uma amiga lhe presenteou, que devia estar guardada no armário em casa, mas, por esquecimento, andava com ela pra cima e pra baixo. Afinal o esquecimento fora justificado e logo ela e Mr. Page pitavam um baseado que, apesar de pouco, deu uma onda maravilhosa.

Tira da bolsa o DVD autografado e pergunta se pode assistir. Ele estranha um pouco, mas OK. Ela põe baixinho, para não incomodar a vizinhança. E quando surge a imagem dele na tela, jovem, lindo, acontece novamente o milagre, o despertar para o momento presente, quando as mesmas mãos mágicas que dedilham a guitarra virtual na tela surgem por detrás dela e seguram seus seios, massageando-os vigorosamente.

Mais um sarrinho e ela diz que está com fome, pergunta se pode pedir algo para comer. Ele se mostra um pouco impaciente, contrariado, afinal estão ali para trepar ou conversar? Mas OK. Ela liga para a cozinha e diz que tem

⁸ “Agora você tem de limpar essa bagunça”

⁹ “fumar um baseado”

desejo de comer torta de damasco com chocolate. Hum... não tem? Mas o desejo precisade ser saciado, questão de vida ou morte! Serve mousse de chocolate com damascos? Serve!

Pouco tempo depois, toca a campainha e surge o mix dos sonhos. Coloca sobre a mesa do quarto, morde um pedacinho de um damasco, junta uma colherada de *mousse* de chocolate, dá na boca de Mr. Page, alimento sagrado dividido e compartilhado. Aumenta o som do DVD e mergulha na correnteza dos solos de guitarra de Jimmy Page, livre, sem proteção, sem medo, deixado-se levar até o êxtase da realidade do sonho real.

Com tudo isso, ela aprende que se um sonho existe, é porque parte dele já é realidade.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br